

O MONUMENTO

ORÇÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: SECRETARIA-
DO NACIONAL DO MONUMENTO A CRISTO-REI
R. dos Douradores, 57

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR
Monsenhor Pereira dos Reis

COMPOSTO E IMPRESSO NA ESCOLA TI-
POGRAFICA DAS OFFINAS DE S. JOSÉ
Travessa dos Prazeres, 34

Jubileus de Glória

Três grandes datas históricas ocorrem neste ano de 1939, a saber:

250.º Aniversário da Grande Revelação, a última de todas, em que Jesus pediu a S.ª Margarida Maria que as nações, a começar pela França, se consagrassem ao seu Divino Coração, prometendo Ele, em prémio, as maiores bênçãos (1689).

150.º Aniversário da Sagração da Basílica da Estrêla, em 15 de Novembro de 1789, erguida pela Rainha D. Maria I em preito de acção de graças e de reconhecimento da Realeza Suprema do SS. Coração de Jesus sobre Portugal e as nações, precisamente no mesmo ano (Maio de 1789) em que rebentava em França a grande revolução proclamadora dos direitos do homem contra os direitos de Deus. Pela erecção desta Basílica pertence a Portugal a glória de ter sido a primeira nação do mundo a satisfazer aquêlê desejo do Divino Coração, de 1689, de que as nações lhe erguessem um templo nacional e nêle se lhe consagrassem como vassallos ao seu Rei.

75.º aniversário (Bodas de Diamante) da entrada em Portugal, na cidade de Lisboa, do Apostolado da Oração — a grande associação mundial, organizadora e evangelizadora da devoção ao SS. Coração de Jesus, e aquêla a quem o Venerando Episcopado Português, em documentos autênticos, declarou dever-se a parte principal na restauração religiosa do nosso povo, depois do triunfo do liberalismo.

Que farão os católicos portugueses para comemorar estas datas, evocadoras de tantos benefícios do Céu e de tão insignes glórias religiosas nacionais? E, tendo a Providência disposto os sucessos de modo a que elas coincidam com as soleníssimas celebrações dos centenários da Fundação e da Restauração da nossa Pátria, não parece que é mesmo a voz de Deus a dizer-nos que as glórias tôdas de Portugal são obra do Seu amor, e que por isso devemos santificar o mais possível as festas dos Centenários, purificando as nossas almas com a graça divina, purificando a Nação com o extermínio das últimas leis inimigas da Lei de Deus, e exaltando a Realeza do SS. Coração de Jesus num Monumento colossal, o mais grandioso de todos os da nossa terra, em reparação da guerra que lhe têm feito os maus portugueses e os ímpios do mundo inteiro, e como padrão da nossa eterna vassalagem e cântico perene do nosso louvor, do nosso agradecimento e do nosso amor?

Há 45 anos, em 20 de Maio de 1804, 50.º aniversário da fundação do Apostolado da Oração em Vals, França, mais de cem mil católicos de todos os pontos de Portugal subiram em peregrinação ao Bom Jesus e ao Sameiro, em Braga, sob a presidência do Nuncio de Sua Santidade, para comemorar tão faustoso jubileu e aclamarem a realeza social do Divino Coração. Foi o início da era, tão abençoada, das grandes peregrinações e Congressos Católicos Nacionais.

Há pouco ainda, andou a França Católica um ano inteiro, de 15 de Agosto de 1937 a 15 de Agosto de 1938, e continúa, em acção de graças e renovação do voto do seu rei Luis XIII e da sua consagração nacional a N.ª Senhora da Assunção, feita na data de 1638. Era o 3.º centenário. E celebrou-o alcançando de Roma a graça de uma indulgência de Jubileu extraordinário, promovendo uma Missão de 3 dias de pregação e Comunhão geral em honra de N.ª Senhora, em tôdas as paróquias da metrópole e das suas colónias espalhadas por todo o mundo; e fazendo grandes festas, procissões e erecção de

estátuas da SS. Virgem em tôdas as regiões do país. A salvação das Nações, só pode vir, realmente, do Céu.

Quanto a Portugal, estando agora no pensamento dos dirigentes supremos a intenção de que a bênção e lançamento da 1.ª Pedra do Monumento Nacional a Cristo-Rei se realize na Primavera do ano próximo de 1940, que glória para o SS. Coração de Jesus se, nessa hora solene, ali estivessem presentes em multidão inumerável, a aclamarem-no Senhor, Pai e Rei de Portugal, os representantes de tôdas as cidades, vilas e aldeias do território todo da nossa linda Pátria!

Há sonhos que, precisamente por serem tão belos, nos obrigam a convertê-los em realidade.

SIMÃO DE XAVIER

A Basílica da Estrêla, Paço Real do SS. Coração de Jesus

Começamos hoje a cumprir a promessa de ir escrevendo, aos poucos, a história da fundação da Basílica da Estrêla. É uma das páginas mais belas da história mundial do culto do SS. Coração de Jesus, e também uma das maiores glórias religiosas da nossa Pátria.

Na falta de novos documentos que a completem, o que vamos dizer é o que no seu livro «*Memórias da Basílica da Estrêla*» escreveu, em 1790, o seu 1.º capelão-mór Manuel Pereira Cidade, e publicou em 1926 António Baião; e também o que Artur Lamas transcreveu de um manuscrito antigo no seu livro «*Medalhas Portuguesas*», edição de 1916.

I. *Origem desta fundação — O voto da Princesa Real.* — A princesa do Brasil, D. Maria Francisca, filha mais velha de el-rei D. José, nascida em 17 de Dezembro de 1734, casou em 6 de Junho de 1760, aos 26 anos de idade, com seu tio paterno, o infante D. Pedro, desassete anos mais velho do que ela.

Não tendo o rei filho varão, pertencia à princesa a sucessão do reino; e, assim, pela primeira vez na história dos reis de Portugal, de 640 anos de reinado, ia subir ao trono como legítima herdeira dêle uma senhora.

O seu casamento com um príncipe português assegurava à nação um futuro rei, descendente, por varonia, dos reis seus antepassados. Falta só que Deus garantisse ao novo lar dêstes dois príncipes tão piedosos e tão queridos do povo, a bênção de um filho.

Na memória



de todos vivia ainda muito fresca a lembrança da desgraça que foi para o reino a morte de D. Sebastião sem ter deixado sucessão. A lei antiga das nações dizia que os príncipes parentes podiam herdar os tronos alheios como se estes fossem bens próprios da família. Dai tomou pé Filipe II de Espanha para exigir que, a bem ou a mal, o aclamassem rei de Portugal naquela hora infeliz de 1580.

A princesa do Brasil, temerosa de iguais perigos para a Pátria, como era devotíssima do Sagrado Coração de Jesus e conhecia certamente as promessas que Ele faz aos seus amigos de lhes assistir em tôdas as suas empresas e lhes valer em suas aflições, a Ele recorreu com a maior confiança ao fim do quarto mês de casada.

Foi no dia 24 de Outubro de 1760, festa do Arcanjo S. Rafael. Prostrada aos pés do Senhor prometeu que, se lhe desse um filho varão para herdeiro do trono e garantia da independência de Portugal, ella lhe ergueria um templo em Lisboa, dedicado ao seu Divino Coração e, anexo a esse templo, um Mosteiro de Carmelitas descalças, para que estas Espôsas do Senhor, unidas às intenções da princesa, fôsem ali a perpétua oração de acção de graças pelo beneficio da sucessão da Corôa.

A 21 de Agosto do ano seguinte, de 1761, os sinos de Lisboa repicavam festivamente e era envida logo a todos os recantos de Portugal a feliz nova de que havia

nascido o desejado príncipe. Não se pode dizer em palavras o que foi então no ânimo da princesa real e no de todos os portugueses o fervor da gratidão e o entusiasmo da confiança e devoção ao SS. Coração de Jesus.

Era Deus a preparar Portugal, com este singular favor, para a missão de grande evangelizador desta devoção prometida como último recurso do amor de Jesus ao mundo, para salvação fácil de todos os homens e de tôdas as nações.

II. *A prole da Rainha.*—A bênção divina da fecundidade alegrou o lar da Rainha com seis filhos: 1.º o príncipe D. José, nascido a 21 de Agosto de 1761; 2.º o infante D. João nascido a 26 de Setembro de 1763 e falecido a 10 de Outubro; 3.º o infante D. João nascido em 13 de Maio de 1767, o qual foi depois o rei D. João VI; e as três infantas D. Mariana Vitória, nascida em 15 de Setembro de 1768; D. Maria Clementina nascida em 9 de Junho de 1774; D. Maria Isabel, nascida em 22 de Dezembro de 1776.

O príncipe D. José casou aos 16 anos com sua tia materna D. Maria Francisca Benedicta, em 23 Fevereiro 1777, e faleceu a 11 de Setembro de 1788, aos 27 anos de idade, sem deixar sucessão.

III. *O começo das Obras.*—Como a Rainha só em 24 de Fevereiro de 1777, dia do falecimento do Rei seu pai, subiu ao

trono, também só nesta altura ficou em condições de cumprir o seu voto.

E a-pesar das enormes dificuldades que teve de resolver ao tomar as rédeas do governo da nação, nem um só momento descurou o que devia ao SS. Coração de Jesus. Começou pelo convento. O local escolhido foram umas terras no Casal da Estrêla, pertencentes à Casa do Infante, de que era administrador e usufrutuário o régio consorte D. Pedro III.

Como os bens da Casa do Infante eram por Lei inalienáveis—não podiam ser vendidos nem doados—, a Rainha autorizou, em alvará régio, a doação feita por seu marido, trocando a Casa do Infante ao direito à propriedade pelo direito de Padroado honorífico no Convento. A escritura de subrogação feita por D. Pedro às Carmelitas tem a data de 19 de Outubro de 1779, e o alvará de confirmação da Rainha, 22 de Outubro desse mesmo ano. Mas as obras começaram a 16 de Fevereiro de 1778.

Fez a planta do Convento e dirigiu as obras o arquiteto Sargento Mór Mateus Vicente de Oliveira, que era um dos mestres de obras da famosa Escola de Mafra.

Em Outubro de 1779 já estava pronto e fechado o muro todo da cerca, as oficinas concluídas, as paredes de todo o andar baixogalgadas, dois formosíssimos claustros quasi perfectos e acabadas muitas outras casas. Tal era o ardor com que se trabalhava.

A voz de um dos nossos heróis de Africa

A longa interrupção havida na publicação de «O Monumento» só hoje nos permite transcrever aqui a carta e o artigo que o sr. general João de Almeida se dignou enviar-nos para exaltação da iniciativa do Monumento, fazendo côro com as vozes de louvor de tantos outros illustres portugueses.

BAGNÈRES DE BIGORRES, HAUTES PYRÉNÈES, FRANCE, 24 de Julho de 1938

... Sr.: Junto incluo a minha modesta contribuição espiritual, que V. se dignou pedir-me, em Carta circular de 3 de Novembro de 1937.

Há muito tempo que a tinha escrito; mas as minhas múltiplas e absorventes preocupações, de toda a natureza, e ainda os accidentes da minha vida, fizeram com que só agora a pudesse mandar.

Como bom português de que me prezo de ser, e chefe de família—mulher e três filhos,—aceito com um dever e o maior agrado, a obrigação de contribuímos, em proporção com os nossos recursos, para a construção do Monumento a Cristo-Rei.

Digne-se pois V. mandar-me inscrever com a cota mensal de 6000 escudos, e mandá-lo receber na nossa morada, Praça Mouzinho de Albuquerque, J. A. em Lisboa.

Com os protestos do nosso maior respeito e consideração nos subscrevemos

De V.
Admr. At.º Vnr.
João de Almeida

Em louvor do Monumento a Cristo-Rei

A lembrança de levantar um Monumento em Lisboa, cabeça do Império, como reconhecimento dos portugueses a CRISTO REI, é digna da grandeza espiritual do seu autor, Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, e da iniciativa e acção perseverante do Venerando Episcopado Português.

Essa Ideia reconforta a Fé e, certamente, cala na alma amorosa e reconhecida de todos os bons portugueses. Porque sempre os portugueses, já antes de terem esse nome, foram constantes e firmes na Fé e na crença em Deus Omnipotente, e praticaram a representação material do seu agradecimento, por meio de monumentos levantados em sua Memória.

E assim, limitando-nos ao ciclo actual da história da Raça, vemos logo nos alvares da nacionalidade os portugueses consagrarem-se a Nossa Senhora, e ser a Cruz a representação simbólica da fé em Cristo, que iluminou as almas e amparou o braço dos companheiros de D. Afonso Henriques, que para perpétua memória de reconhecimento acatamento, mandou insculpir as Cinco Chagas na bandeira nacional. E todos os reis que operaram o Milagre da Constituição e Consolidação da nacionalidade, levantaram por toda a Terra de Santa Maria, grandiosos monumentos em louvor da Santíssima Virgem, como acção de graças ao seu bento Filho.

A Independência da Pátria, é consagrada pelo fervor de D. João I a Nossa Senhora, e ao monumento da Batalha; e a Dinastia de Avis pôde sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção todos os portugueses que praticam a expansão Além-Mar.

Depois, com a Restauração de 1640, é ainda Nossa Senhora, agora da Conceição, que o grande Rei D. João IV, elege para protectora dos portugueses e Padroeira do Reino de Portugal.

Na hora actual de Regeneração e Ressurgimento do Império, é bem justo que os portugueses expressem o seu reconhecimento a Deus, levantando um grandioso Monumento a Cristo Rei. E os nossos votos são para que elle tenha a grandeza e as dimensões precisas para que possa ser contemplado de toda a parte, da terra, do mar e do ar, e, como Marca, assinala ao viandante e ao nauta que Portugal é eternamente a Terra eleita de Deus.

FRANÇA, BAGNÈRES DE BIGORRES, HAUTES PYRÉNÈES, 24 de Julho de 1938

João de Almeida

♦♦♦♦

A subscrição das Joias

Uma feliz inspiração levou o Secretariado do Monumento a pedir às Senhoras Portuguezas que durante a Novena da Imaculada Conceição, de 29 de Novembro a 8 de Dezembro do ano passado, oferecessem joias para a subscrição nacional. Um grupo de

benemeritas e distinctas escritoras prestou-se então a escrever nos jornais Novidades e A Voz umas palavras de incitamento, que foram um encanto de espirito e um admirável aliciente da generosidade das outras senhoras e até de muitos homens. E, caso surpreendente! essa subscrição nunca mais parou. Até hoje receberam-se no Secretariado Nacional, directamente ou por meio daqueles dois diários, prendas de 177 oferendas, acompanhadas muitas vezes de frases comovedoras.

Por determinação do Em.ºo Senhor Cardinal Patriarca, as joias serão applicadas à confecção e ornato dos vasos sagrados da capela a construir na base do Monumento.

Publicamos a seguir o 1.º artigo da Novena, escrito pela pena distinctissima de D. Maria Joana Mendes Leal.

Começou ontem a novena de N.ª Senhora da Conceição, que na visão maravilhosa do Apocalipse S. João viu coroada com doze estrêlas.

E se é assim magnífica a coroa daquela que na sua humildade se disse «a escrava do Senhor», que poderemos nós imaginar ainda de mais belo que as próprias estrêlas para a coroa do seu Divino Filho, Senhor do Céu e da Terra?!

Só o amor pode suprir a pobreza dos nossos recursos humanos e nós, mulheres de Portugal, não podendo arrancar do firmamento estrêlas para coroar a Cristo-Rei, queremos depozar-nos das nossas joias para a fazer cintilar sobre a fronte daquele que, por nosso amor, se deixou um dia coroar de espinhos.

Brilhantes, diamantes, esmeraldas, rubis, pérolas, safiras, topasios, são pedras que rebrilham à luz do mundo; mas que valem para a eternidade?!

Pobre de quem, revendo-se nas suas mãos carregadas de anéis, não pensa em as encher de boas obras!

E boas obras—disse o Cristo quando Madalena derramou sobre os seus pés o bálsamo precioso—é tudo quanto fazemos por amor e para maior glória de Deus.

O Apostolado da Oração, no seu desejo de

glorificar o Sagrado Coração de Jesus, anda empenhado numa sublime obra de amor — o monumento nacional a Cristo-Rei — e pede-nos pedras preciosas — simbólicas ou verdadeiras — para a coroa de Nosso Senhor.

Não haverá no fundo do nosso cofre de jóias alguma velha jóia, já fora do uso, a que pudéssemos tirar uma pedra preciosa para oferecer?

Conta-se numa história maravilhosa que a Abelha das Clárides preferiu um raio de sol a todas as pedras do Tesouro do Rei Loc...

E nós, erguendo os olhos para o céu e contemplando a glória de Deus, não seremos também capazes de desprezar, seduzidas pelo esplendor da luz divina, a cintilação das nossas pedras preciosas?

Não seremos capazes de sacrificar um dos nossos adornos para que do monumento a Cristo Rei irradiasse sobre Portugal mais viva a luz da graça?

Brilhantes, diamantes, esmeraldas, rubis, pérolas, safiras, e topasios...

Um anel, uns brinços, uma cruz, uma pulseira com que ficaremos a menos... ficando em troca com a alegria de ter contribuído para pagar uma dívida de gratidão e amor Aquêla a quem devemos a paz e a bênção que desceram sobre a nossa terra e queremos que sobre ela permaneçam.

Se não temos jóias, demos uma esmola que as simbolize: *brilhante*, cinco mil escudos; *diamante*, três mil escudos; *esmeralda*, dois mil escudos; *rubí*, mil escudos; *pérola*, quinhentos escudos; *safira*, duzentos e cinquenta escudos; *topasio*, cem escudos.

Estas pedras poderão ser enviadas, quer por inteiro quer em prestações, ao *Secretariado Nacional do Monumento a Cristo-Rei*, rua dos Douradores, 57, Lisboa.

Portugueses, que tanto amais N.ª Senhora da Conceição, santificai d'este modo a sua novena, oferecendo em sua honra uma *Pedra* para a coroa do seu Divino Filho, e recebereis no céu a coroa que o Senhor tem preparada para a eternidade para aquêles que O amaram e glorificaram sobre a terra!

Maria Joana Mendes Leal

AS JOIAS RECEBIDAS

Começamos pelas de Lisboa. Muitas das que vieram por intermédio de «Novidades» e «A Voz», não foi possível identificar-lhes a procedência.

LISBOA

Sr.ª Maria Joaquina (criada), um anel de ouro com rubis—D. Eugénia de Mello Breyner da Câmara, um lognon de prata com rubis—D. Adelaide Cardoso, um anel com diamantes, um brinço com um brilhante, uma pulseira de ouro, uma libra de ouro em medalha, uma cruz de ouro com pérolas de um lado e turquezas do outro, um rubi solto—D. B. Marques, uma lapiseira de ouro com um laço cravejado de rubis e diamantes, uma medalha de ouro com um diamante—Anónima M. C. A. C., um anel de ouro com rubis e diamantes, com estas palavras: «Que sobre as jóias recebidas, respaldada a luz divina, atraíndo todos aquêles que se debatem nas trevas do pecado».—I. C. D. O. T. C. L., duas moedas de ouro (medalhas), duas moedas de ouro (abotoadura), um botão de colarinho, um alfinete de gravata com moeda de ouro, um alfinete de gravata com um brilhante, um relógio Omega de ouro—D. Maria Luíza de Sampaio e Melo, um cruzado em ouro—M. F., uma caneta de ouro com duas safiras, um rubi, diamantes e uma pérola—D. Benedita de Oriol Pena, uma libra em ouro—D. Maria Clara Roquete Viana, uma libra em ouro—Condessa da Figueira, uma libra em ouro.—D. Genoveva de Lourdes Pinheiro, professora particular, uns brinços de filigrana e esmalte azul escuro—D. Berta Maria Reis Bandeira de Melo, um travessão de platina com safiras e diamantes—D. Margarida da Conceição R. dos Santos Ferreira, um broche de ouro com diamantes—João Carlos Ribeiro dos Santos, um botão de colarinho em ouro—D. Carlota Rocha de Barcelos Coelho Vieira Ribeiro, um anel

em ouro com um brilhante e uma safira—D. Luíza de Azevedo Enes Marques de Oliveira, um anel de ouro com dois brilhantes e uma esmeralda—D. Maria Isabel Roquete, uma moeda em ouro—Dr. Domingos Pinto Coelho, uma libra em ouro—Anónima, um cruzado em ouro «Moeda muito estimada, dada pelas almas de pessoas de família muito queridas»—Anónima, um anel de ouro «Pequena oferta... recordação de criança»—D. Maria Francisca Pereira d'Éça, uma ametista—M. S. C. B., um cordão de ouro, um anel de platina com uma safira e dois brilhantes, uma medalha de ouro com mármore verde e pérolas, um par de brinços iguais—M. C. G., um broche de ouro e platina cravejado de brilhantes, uma medalha de platina com diamantes e pérola, um anel de ouro e platina com uma pérola rodeada de brilhantes, uns brinços de ouro e platina com diamantes, um anel de ouro com uma safira e diamantes, um colar de pérolas pequeninas—D. Ana Duarte, Setúbal, um anel de ouro, uma medalha antiga de N.ª Sr.ª da Conceição em ouro e esmalte—Família Duarte, 13 anéis de prata e ouro com safiras—L. B. C., J. B. V. B., um par de brinços de ouro, com estas palavras: «Esta jóia pertenceu aquêla que foi nossa segunda Mãe, e em sufrágio da sua alma a oferecemos»—D. Maria Guilhermina Laroche Semeado, um topásio e uma moeda antiga de 2,500 rs. em ouro—Maria da Assunção Matias Ferreira, Pedreiroços, falecida em odor de santidade, 2 pares de brinços de ouro—D. Maria Matias Ferreira, avó da precedente, Pedreiroços, um par de brinços de ouro—D. Guilhermina Maria de Vasconcelos e Sousa, uma pulseira de ouro com duas pérolas rodeada de brilhantes—Alberto Nunes, um alfinete para bafeiro em ouro—Uma Senhora da L. I. C., uma escrava de ouro—Um terceiro Franciscano, um botão de camisa de ouro—Uma Jicista, um anel de ouro e diamantes—A. X. de P. N. F., duas libras em ouro—D. Maria Josefina Vaz da Silva Cortez de Lobão, Estoril, um broche de ouro com dois rubis e três brilhantes—D. Maria de Sá Nogueira, dez moedas antigas de prata, e dois mil réis em ouro—Anónima M. F. A., dez libras em ouro—Anónima, em sufrágio da alma de D. Eugénia Lopes, uma libra em ouro—Anónima A. L., um medalhão de onix e ouro, em sufrágio da alma de D. Ana Luíza Lopes—Marqueses de Pombal, uma moeda de ouro de D. Maria II montada em broche e uma moeda de 5,000 réis em ouro, oferecidas por alma de quem lhes deu estes objectos—Anónima dos arredores de Lisboa, um par de brinços de ouro e brilhantes—Condessa de Vila Verde, duas alianças de ouro de seus pais, umas lunetas em ouro—D. Maria da Silva Soares Falcão, uma cruz formosíssima e de grande valor com rubis e brilhantes—D. Alda de Macedo, uma libra em ouro—D. Judith M. Antunes Moacho, 12 libras em ouro—Assinante de «A Voz» N.º 26.555, uma escrava de ouro e um botão de colarinho—Assinante de «A Voz» N.º 17.142, um terço de marfim e ouro—M. M. D. G. M. M. B. e A. B., uma moeda de 10\$00 em ouro—Uma Mãe, um anel de ouro com quatro brilhantes e uma esmeralda, e uma colher de prata—Das filhas de Joaquim António de Oliveira-Orique, um crucifixo de ouro—Dr. Alberto Baptista, um relógio antigo de ouro—M. J. S., um anel com um diamante—I. R. Faria, um anel com um brilhante—D. Branca de Carvalho Silveira, Estoril, um anel com dois brilhantes e uma safira—Condessa de Azambuja, uma ametista—Júlio da Costa Pinto, um alfinete de gravata (dois corações atravessados por uma espada e uma seta)—De um nacionalista, um broche com brilhantes e uma medalha de ouro com um diamante—D. Ana de Portugal Lobo de Vasconcelos Trigueiros, uma moeda de 10.000 réis em ouro—Sr.ª Ana da Paixão (criada), três moedas de um escudo em prata—Alberto Saraiva, uma moeda de ouro (D. José) em medalha—D. Maria Laura Cruz Saraiva Catalão, um alfinete de gravata com um brilhante—Anónima, uma moeda de 5 pêsos em ouro da República da Colômbia—D. Maria J. L., uma libra em ouro—Anónima, um paliteiro em prata—D. Maria Mesquita de Castro e seu filho, uma libra em ouro—D. Catarina Soeiro de Brito e Mira, um relógio de ouro com estojó—Condessa de São Paio, um alfinete de gravata com um brilhante e duas pérolas—D. Purificação Simões Dias, um anel com um topásio—Armando Filipe de Jesus e sua esposa, duas libras em ouro—Dr. Weiss de Oliveira, um relógio de ouro—Uma católica, uma moeda de 5.000 réis em ouro—Sr.ª Maria José Sousa Martins (criada) uns brinços de ouro com pedras azues—D. M. Machado, gancho de cabelo em ouro, com 5 brilhantes e vários diamantes—M. C., 20 moedas de 50 centavos em prata (1913)—D. Maria Eduarda Vaz da Silva, Estoril, um fio de ouro, anel de ouro, anel de ouro com uma pérola, anel de ouro com dois diamantes e três rubis—Sr. António Pedro das Neves, um alfinete de gravata em ouro com brilhantes e rubis—D. Fran-

cisca Palma Valdez, Cascais, um pendentif (duas andorinhas em ouro)—Anónima, uma cruz de platina e diamantes—Anónima, um leque de sândalo pintado à mão—V. N. C., um fio de ouro—I. S. L., um par de brinços de ouro—Anónima, uma libra em ouro—D. Sara Marques, uma pulseira de ouro com um coração de ouro cravejado de rubis—João Inácio, Pedro Manuel e Maria da Graça, um topásio—D. Francisca C. Lobo de Vasconcelos, um anel de ouro com um brilhante—D. Delina Pequito Rebelo, uma libra em ouro—Anónimo, um anel de ouro com um topásio, um berloque de corrente de relógio formado por dois pequenos veados em ouro com um topásio—Anónimo, pulseira antiga com um diamante e quatro pedras ametistas e mais uma chatelene em ouro—Anónimo, broche com pérolas, um alfinete com pérolas e um topásio—Uma costureira, com estas palavras: «por não poder dar dinheiro, dou com muito gosto o meu cordão de ouros»—D. Maria de Lourdes M. da Silva, anel de prata com uma esmeralda—Uma Presidente do A. O., boche de ouro com duas safiras, dois brilhantes e um rubi—D. Maria Luíza Alves, anel de ouro com um rubi e pérolas—D. Maria das Dores Castro Corte Real, relógio de ouro—

(Continua)

S. Francisco de Assis e os Protestantes

A grande cidade norte-americana de S. Francisco da Califórnia resolveu assinalar a Exposição deste ano de 1939 erguendo na «Porta de Ouro», à entrada do seu pórtico de mar, uma estátua colossal ao santo do seu nome.

O facto é digno de admiração e ponderação, porque, se no Estado da Califórnia são muitos os católicos, a maioria da população é protestante e, como tal, adversa ao culto dos Santos, ou indiferente. A estátua terá 50 metros de altura, sobre um pedestal de 12 metros. A cabeça do santo terá 6 metros de largura. O pedestal servirá de museu. No interior da estátua fica um elevador para levar os visitantes até ao cimo da estátua constituído por uma plataforma onde caberão 50 pessoas e donde se pode disfrutar um extenso panorama de centenas de quilómetros. Em frente da estátua será construída uma cascata artificial, iluminada todas as noites com poderosos reflectores. O governo federal aprovou e apoia este projecto.

Portugueses: — perante a iniciativa do Monumento de desagravo a Cristo-Rei, consentireis ser menos generosos que os protestantes norte-americanos para com o grande S. Francisco de Assis?

Cónego Dr. António Joaquim Pereira

O SS. Coração de Jesus levou agora para o Céu, ao gozo de grande coroa de glória, um dos seus mais apaixonados amigos e apóstolos, o Senhor Vigário Geral do Pórtico. Era um encanto de alma ver o entusiasmo juvenil daquele santo velhinho de 77 anos, pela glorificação nacional de Cristo-Rei. A doença tomou-o de fazer pelo Monumento quanto o seu grande coração desejava. Mas foi êle que escreveu aos párocos da Diocese, em eloquentes palavras, para que promovessem a subscrição; era êle que corria com as contas e expedição dos dinheiros, e ninguém melhor do que êle sabia advogar a razão de ser do Monumento e da sua erecção em Lisboa.

Será agora, sem dúvida, junto de Deus, um grande interessor desta obra que tanto amou.

O Senhor o tenha já em glória!

Subscrição Nacional do Clero

"Nós não devemos ser os últimos"

Monsenhor Anaquim

(VIGÁRIO GERAL DO PATRIARCAO)

Professores do Seminário da Guarda,
suas cotas de 1938 a 1939

| | |
|-----------------------------------------------------|-------|
| Cónego Dr. Alfeu dos Santos Pires | 20.00 |
| Cónego Dr. Manuel Mendes do Carmo | 20.00 |
| P.º Dr. Gustavo Adolfo Ribeiro de Almeida | 10.00 |
| P.º Dr. João Mendes Abranches | 20.00 |
| P.º Adelino Alves Genro | 10.00 |
| P.º Joaquim Alves Braz | 10.00 |
| P.º José Maria Cabral | 20.00 |
| P.º Alvaro Vaz Quintal da Cunha | 20.00 |
| P.º Norberto Vaz Quintal da Cunha | 20.00 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------|--------|
| Um Padre do Patriarado | 250.00 |
| P.º António Lopes Dias, anel de ouro com uma ametista | |
| P.º Miguel Jorge, Leiria, uma libra em ouro | |
| P.º Manuel Ribeiro de Miranda — Abade de Pinheiro, Felgueiras | 100.00 |
| P.º José Freire — Bitarães — Paredes do Douro | 100.00 |
| Pároco de Urgeses — Guimarães | 10.00 |
| Pároco do Telhado — Famalicao | 50.00 |
| P.º Abilio P. Veiga — Penafiel | 10.00 |

S U B S C R I Ç Ã O

De 1 de Julho a 31 de Dezembro de 1938

Angra do Heroísmo

Freguesias:

| | |
|---------------------------------------------------|--------|
| Calheta de S. Jorge | 252.00 |
| Angra do Heroísmo | 234.00 |
| Feiteira — Faial | 180.10 |
| Cedros | 260.00 |
| Vila da Povoação | 140.00 |
| S. Lázaro de Agua d'Alto | 358.35 |
| Matriz — N.ª S.ª da Estrela — S. Miguel | 174.00 |
| Fajã de Baixo | 126.70 |
| Pico da Pedra | 180.00 |
| Relva | 55.00 |
| N.ª S.ª de Belém da Torre Chã | 158.10 |
| S. Mateus — Pico | 182.00 |
| S. Cataano — Pico | 159.00 |

Donativos isolados

| | |
|----------------------------------------------------|--------|
| Anónimo — Ribeira Grande | 5.00 |
| Por intermédio do Dr. Afonso de Carvalho | 97.00 |
| Casa de Saúde de S. Rafael | 102.50 |
| Orfanato do Beato João Baptista Machado | 83.00 |
| Colégio de S. Francisco Xavier | 33.00 |
| Henrique Garcia Monteiro — Horta | 100.00 |

Braga

| | |
|-----------------------------------------------|--------|
| Sta. Maria de Airão — Guimarães | 91.00 |
| Manhente — Barcelos | 52.00 |
| Outeiro | 140.00 |
| Caminha | 44.00 |
| Monserrate — Viana do Castelo | 503.70 |
| Cova — Vila Nova de Cerveira | 66.00 |
| Monsão — (S.ª Maria dos Anjos) | 200.00 |
| Moreira — Ponte do Lima | 40.00 |
| Vila Meã | 22.00 |
| Vila Nova de Famalicao | 66.00 |
| S. Victor — Braga | 3.95 |
| Forte Boa — Espouende | 60.00 |
| Urgeses — Guimarães | 121.00 |
| Pedrouce — Famalicao | 146.00 |
| Gondar — Guimarães | 74.50 |
| Ponte Arcada — Póvoa de Lanhoso | 373.40 |
| Arcos de Val de Vez — (S. Salvador) | 115.80 |
| Souto — Terras do Bouro | 51.00 |
| Travanca — Fafe | 105.00 |
| Vilafouche — Arcos de Valdevez | 23.00 |
| S. João do Souto — Braga | 21.50 |
| Maximinos — Braga | 67.50 |
| Maceira — Barcelos | 120.00 |
| Paredes de Coura | 40.00 |

Donativos isolados

| | |
|--------------------------------------------------------|--------|
| Juventude Operária Católica Feminina — Braga | 13.20 |
| Seminário Conciliar de Braga | 275.50 |
| Casa do Apostolado da Oração — Braga | 100.00 |
| D. Lúcia Rodrigues | 15.00 |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Noviciado de S. José de Cluny — Nogueiró — Braga | 50.00 |
| Juventude Operária Católica Feminina — Carreira — Famalicao | 20.00 |
| Um Colégio das Irmãs de S. José de Cluny Instituto de Nun'Alvares — Caldas da Saude | 2.000.00 |
| Um peregrino | 260.00 |
| D. Bárbara de Vasconcellos | 9.70 |
| Donativo de Beiriz — entregue pelo R.º P.º Tôrres | 200.00 |
| P.º Tôrres | 35.00 |
| D. Maria C. M. N. V. N. de Freitas — Guimarães | 250.00 |
| Manuel Correia, por alma de Laura Fernandes | 150.00 |

365 MISSAS POR ANO

Por todos os benfeitores vivos e defuntos do Monumento a Cristo-Rei, sendo 30 cada mês.

« O MONUMENTO »

O nosso jornalzinho é o principal instrumento de propaganda do Monumento a Cristo Rei. Vende-se ao preço mínimo de um tostão e recebe-se com agradecimento o que daí para cima queiram oferecer por êle.

Comprai-o! Lêde-o! Propagai-o! e dareis prova da verdade do vosso amor ao SS.ºº Coração de Jesus.

Como fala e como obra o Coração de Portugal

Epopéia de amor é o nome que devia dar-se ao que sente e ao que diz o coração dos portugueses, ao enviarem suas oferendas para o Monumento. Ora vejam:

— Uma alma em crise, despedaçada pela dor, manda para o Secretariado um lindo e precioso anel. Que ninguém conheça o oferente. Só Deus. Mas que todos saibam da sua fé na bondade d'Ele. E escreveu: «Recordação triste, pedindo ao Senhor a sua protecção». «Vinde a Mim todos que sofreis...»

— Dos Estados Unidos com uma nota de 5 dólares que deram 113\$75 escudos, assinou assim a sua oferta um filho de Portugal: «Um Pai, para alcançar a paz na família». — «Unirei as famílias desavindas».

— Uma costureira de Coimbra, D. Leonilde Durand, alma ardente, generosa e apaixonada pela glória do Coração de Jesus, manda a sua única jóia, uns brincos, e escreve: «Tem uma história tão linda a jóia que eu de todo o coração ofereci a Cristo-Rei — e espero que seja o Rei do Amor e da Justiça! Essa jóia tão insignificante que não vale mais do que 35\$00, entrou muita vez na Casa de Penhores para me poder matar a fome e a 2 tias velhinhas com quem eu vivia, que foram elas que me criaram desde muito pequena. A única vez que pensei em a vender, ainda foi para ajudar a proteger uma costureira que tinha de mudar de terra para fugir a um perigo moral. Portanto, no Monumento que se vai erguer a Cristo-Rei está um bocadinho da minha alma! Eu podia enviar a importância dêles (os brincos); mas não quero. Quero que êles apareçam entre as outras jóias de grande valor. E junto a êles vai a lembrança de muita amargura da minha vida. Permita Deus que até onde chegar êsse pobre bocado de metal, tenha sempre o mesmo destino que tem tido até aqui. Que é o destino do dever e do amor.»

— «Bem-aventurados os pobres de espirito!» — De Vila de Punhe, linda aldeia do Minho, no concelho de Viana do Castelo, veio pelo correio numa caixinha de madeira a prenda de um par de brincos de ouro antigos e ricos, com lindas ametistas, e êste cartão: «Estas jóias remetidas por intermédio do Reitor de Vila de Punhe — P.º Júlio Cândido da Costa, são oferecidas por uma pessoa sem bens de fortuna, tendo de andar a servir para poder viver; pois só tem os seus braços para poder

conseguir o pão nosso de cada dia» — «Nunca vi tamanha fé!»

— Um anónimo de Bordela, na Diocese de Vila Real, enviou 150\$00 e disse que eram de promessa que o Divino Rei lhe despachou. — «Sagrado Coração de Jesus, tenho confiança em Vós».

— E' o graxa de Lisboa? E' um rapazinho que tem o officio de engraxado ambulante.

Que lhe há-de vir à idéia, ao bom do rapazinho tão pobre, tão pobre! Tinha amor a N. Senhor e sabia do Monumento e da subscrição. E lembra-se de fazer um contracto. Se o Divino Rei lhe der a bênção de ganhar 10 escudos por dia, êle dará 10 tostões por dia para o Monumento. O Senhor achou-lhe graça, prendeu-se da generosidade do pequeno, e começou logo a dar-lhe os dez escudos de ganho diário. O graxa foi ter já com a Senhora Zeladora e entregou-lhe o «dizimo» do Senhor, vinte e tantos escudos. — «A tua fé é que te salvou!»

— O Coração de Jesus começou já a entrar nas Cadeias de Lisboa. O Rev.º P.º Rosas, fervoroso capelão da cadeia de Monsanto onde há mais de mil homens encarcerados, deu-lhes a conhecer o Coração do Salvador e a obra do Monumento a Cristo-Rei. O Secretariado ofereceu exemplares dêste nosso jornalzinho para lhes distribuir, e êles, os pobres presos, que a pesar de tudo também têm coração, não lhe resistiram — ao amor do Coração de Jesus quem poderá resistir? — e quiseram contribuir agora para a subscrição nacional mandando-nos 40\$00 escudos!

— Ali para as bandas de Paço d'Arcos, nos trabalhos da estrada marginal de Lisboa a Cascais, anda uma brigada de trabalhadores mihtos, cujo capataz, o Sr. António Martins Gigante, não é homem para meias-medidas. A sua brigada, que tem o n.º 4, há-de ser em Lisboa como lá nas aldeias devotas do Minho crente e piedoso. Todos à Missa, todos como leões na defesa da Fé contra os propagandistas protestantes, todos pela Santa Religião, e alegres sempre como a terra linda onde nasceram. E caso é que arranjarão Padre para lhes não faltar a Missa dos Domingos. E como ouvirem falar do Monumento e estão a tôda a hora a ver da outra banda do Tejo o local onde êle deve ser erguido, não querem ficar atrás dos mais e mandaram já 25\$00 para a subscrição. «O Senhor lho aumente!»

Também nos chegou há tempos a soma de 70 francos, oferecidos por operários portugueses de Marrocos. Que formosura! Os pobres a repartirem do seu pão com o Senhor, para glória d'Ele!

— Terminemos com o recado que do Brasil nos mandaram já há tempo as mulheres portuguesas vendedeiras no mercado do Pará. Pediu-lhes à ultima hora — pessoa que tinha de vir logo para Portugal — que dessem para o Monumento, depois de as informar do que isto cá ia ser. E elas logo: «pois damos, damos, com todo o gosto, para glorificar a N. Senhor. Não era cá no Brasil que se devia ter começado, como fizeram com o Monumento de Cristo Redentor no Corcovado, mas lá em Lisboa, pois de Portugal é que N. Senhor veio para o Brasil».

Na alma boa e simples do povo cristão é que o Espírito de Deus se compraz muita vez em revelar o seu sentir.

O Portador trouxe-nos do Pará mais de dois contos de reis em moeda portuguesa.

Cantai, portugueses, cantai:
«Coração Santo, tu reinarás
Tu nosso encanto sempre serás».

Total da Subscrição em moeda corrente,
em 30 de Junho de 1939

398.516\$50

COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA